

# As grandes transformações da sociedade e suas implicações

## The great changes in society and their implications

*Rafael Lopez Villasenor\**

**Resumo:** Este artigo pretende criar provocações para uma interpretação dos sinais dos tempos. Procuramos recolher alguns elementos que possam ajudar na leitura das conjunturas da sociedade moderna provisória, chamada pelos sociólogos de líquida, em que as relações, os hábitos, as formas de proceder, mudam em um tempo muito curto. Na modernidade líquida os paradigmas tradicionais se enfraquecem e se alteram de maneira muito rápida, os vínculos humanos se fragilizam e se flexibilizam, enfim, nasce uma religiosidade subjetiva, individualista e difusa, desligada das instituições, que tem suas implicações na atuação pastorais.

**Palavras-Chaves:** Sinais dos tempos; Sociedade líquida; Transformações; Religiosidade.

**Abstract:** This article aims to be a tool that can help in interpreting the signs of the times. We seek to lift some items that can help in reading the junctures of temporary modern society called by sociologists of liquid, in which relationships, habits, ways of proceeding and change in a very short time. In liquid modernity, traditional paradigms weaken and change very quickly; human ties weaken and become flexible. Furthermore, we observe the growing of a type of subjective,

---

\* Doutor em Ciências Sociais, mestre em Ciências da Religião, diretor do Centro Cultural Conforti (Curitiba -PR). Membro do grupo Interdisciplinar da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil). Padre da Congregação dos Missionários Xaverianos. E-mail: rafamx@gmail.com

individualistic and diffuse religiosity without institutions. This has implications for the pastoral activity.

**Keywords:** Signs of the times; Society net; Transformations; Religiousness.

## Introdução

Diante das mudanças da realidade atual, nós católicos somos convidados a acompanhar e entender as grandes transformações, os novos desafios e as novas fronteiras, que transformam os paradigmas da pastoral. O mundo mudou, está se transformando constantemente e vai continuar se alterando ainda mais, trazendo sempre novas exigências e novos desafios. Os fatos hodiernos são complexos, suscitam perplexidades e questionamentos, tanto para a pastoral ordinária, a atividade missionária e a nova evangelização.

A sociedade com suas atitudes, características, individualidades, não mantém uma forma sólida. Em pouco tempo, a realidade que existia se alterou. A vida passa a ser resumida na valorização de coisas supérfluas. Estes acontecimentos atingem mais diretamente os jovens, o que induziu “a negação da transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude<sup>1</sup>”.

O Concílio Vaticano II, há 50 anos, nos convidava como Igreja, a entender os sinais dos tempos. Pretendemos nestas linhas, elencar algumas das transformações do mundo atual dentro da chamada sociedade líquida moderna, que possam ajudar a discernir de maneira mais clara os sinais dos tempos e a elaborar algumas pistas de ação pastoral.

---

<sup>1</sup> EG, 64.

## Os “sinais dos tempos” como “sinais de Deus”

O Concílio Ecumênico Vaticano II foi um evento marcado por uma grande abertura de espírito, por parte da Igreja, preocupada com as transformações da sociedade, ele foi uma atualização da Igreja. Sua importância, diz respeito a uma atitude de diálogo que deve ser a principal característica dos cristãos no mundo de hoje e da abertura para uma leitura adequada dos sinais dos tempos. Foi com o Vaticano II que a igreja católica inaugurou uma época de transição de uma cristandade fechada e intransigente para uma igreja mundial e missionária, mais fraterna e mais humana<sup>2</sup>.

Tudo teve início em 25 de janeiro de 1959 quando o papa João XXIII anunciava à surpresa a decisão de convocar um Concílio Ecumênico. A desorientação diante desse anúncio, feito por um velho papa de transição, eram fatores destinados, desde o começo, a compor um quadro de impacto extraordinário e universal para a Igreja e para o mundo. Contudo, essa iluminação pessoal e imprevista, foi fruto de uma convicção lentamente sedimentada no espírito da época e no espírito do “papa bom”, como era chamado João XXIII pelo povo de Roma e do mundo.

Os desafios dos novos tempos, perspicazmente percebidos por João XXIII, foram, porém, os mais determinantes em sua inspiração. Segundo ele, a Igreja estava “no limiar de uma nova época”, “numa época que se poderia chamar de missão universal”, na qual “é preciso acolher a recomendação de Jesus para saber distinguir os sinais dos tempos”.

Os anos do Concílio Vaticano II foram marcados pelo trauma pós Segunda Guerra Mundial, pelo milagre econômico europeu, pela incipiente revolução tecnológica e pela consolidação dos blocos geopolíticos

---

<sup>2</sup> O Concílio Ecumênico Vaticano II começou em 11 de outubro de 1962 e terminou em 8 de dezembro de 1965. Foram convocados em Roma cerca de 3000 bispos vindos de 116 países dos cinco continentes, para discutir os rumos da missão da Igreja no mundo contemporâneo em constantes transformações. Era a primeira vez na história que isso acontecia, pois os concílios anteriores agregavam um número bem mais limitado de bispos, quase todos da Europa. O maior Concílio até então tinha sido o Vaticano I (1869-1870), com 642 bispos. O Vaticano II foi, portanto, um “espetáculo de universalidade”, como o definiu mais tarde o papa Paulo VI. Além dos bispos do mundo inteiro, participaram também 192 pastores de outras igrejas, representantes de outras religiões e alguns leigos.

dos Estados Unidos e da União Soviética, tendo como consequência a “guerra fria” com uma eminente ameaça atômica. Talvez, o elemento mais importante que marcava a conjuntura do planeta na época do Concílio era o fim do colonialismo europeu e a ascensão dos países do Terceiro Mundo. Enfim, o mundo estava mudando muito rapidamente e a Igreja não podia ficar indiferente, parada e fechada em si mesma. Era preciso de um “novo Pentecostes” que ajudasse a Igreja a sair, a colocar o Evangelho em contato com o mundo moderno, perscrutando os “sinais dos tempos” como “sinais de Deus”, trabalhando pela paz, pela unidade dos cristãos e da família humana.

Desde a convocação do Concílio, o papa João XXIII chama à atenção para uma humanidade no limiar de uma nova era. As conquistas no campo técnico e científico prometem um grande progresso material ao qual não corresponde igual avanço em campo moral. Mas isso leva as pessoas a tornarem-se pensativas, mais cientes de seus limites, desejosas de paz, atentas à importância dos valores espirituais, e acelera aquele processo de estrita colaboração e recíproca interação entre indivíduos, classes e nações. Tudo isso facilita sem dúvidas o apostolado da Igreja. Para o papa, esse é um “sinal dos tempos”. Na Encíclica *Pacem in terris*, ele falava de outros três “sinais dos tempos” que caracterizam a época moderna: a ascensão econômico-social das classes trabalhadoras, a entrada da mulher na vida pública e a igualdade entre todos os povos.

Era preciso, portanto, por parte da Igreja uma postura mais otimista de coragem, de abertura, de diálogo, de escuta, de humanidade e de proximidade ao povo. A severidade das condenações tinha que dar lugar à misericórdia, o autoritarismo à condescendência, a intransigência à compreensão, o confronto serrado ao serviço, pois, segundo o papa João XXIII, “a Providência está-nos conduzindo a uma nova ordem de relações humanas, que se dirigem ao cumprimento de desígnios superiores e não esperados”.

Após 50 anos do Concilio Vaticano II, também hoje, devemos estar atentos as grandes transformações sociais, que nos convidam a fazer uma leitura adequada dos “sinais dos tempos” como “sinais de Deus”, partindo do Evangelho, se posicionando de uma maneira nova frente às questões do mundo atual como a liberdade, os direitos humanos,

a democracia, o pluralismo, entre outros. Embora esteja claro que “não é função da Igreja, nem do papa oferecer uma análise detalhada e completa da realidade contemporânea, mas animo todas as comunidades a uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos<sup>3</sup>”. Entretanto, fica o desafio para estar atentos aos sinais dos tempos, tendo um olhar objetivo, realista, sem cair no pessimismo, sobre a realidade que vivemos que nos leve à uma grande abertura de horizontes, capacidade de adaptação e cultura correspondente. Aliás, a atividade pastoral parece muito mais complexo hoje do que no passado, por estar vivendo uma época de profundas transformações socioculturais que atingem de maneira estrutural a própria percepção da realidade.

As grandes alterações ocasionam a incertezas sobre como julgar a realidade e como interagir com ela. As mudanças de época, não atingem apenas este ou aquele aspecto concreto da existência humana. Atingem os próprios critérios de compreender a vida, inclusive a própria maneira de entender Deus. Por isso, “quando a realidade se transforma, devem, igualmente, se transformarem os caminhos pelos quais passa a ação evangelizadora<sup>4</sup>”. Entretanto, a mudança de época é um dos maiores desafios a serem enfrentados. Contudo, nos deparamos com a fragilidade dos critérios para ver, julgar e agir de maneira adequada<sup>5</sup>.

Nesta realidade, se apresenta cada vez mais desafiadora a pastoral, a atividade missionária e a nova evangelização. É necessário um processo comunitário de discernimento, o que supõe uma certa maneira de entender a realidade entre o que é provisório e o que é sólido, questionando as mudanças a luz da fé como sinais dos tempos. A leitura dos “sinais dos tempos” exige uma particular sensibilidade às implicações sociais, antropológicas e eclesiológicas. Trata-se de fazer uma busca comunitária, de ouvir a realidade no mundo globalizado em constantes transformações que afetam todos os setores da sociedade em diversa intensidade, dependendo do nível de

<sup>3</sup> EG, 51.

<sup>4</sup> DGAE. 25.

<sup>5</sup> cf DGAE, 27.

desenvolvimento e integração das nações ao redor do planeta. Neste sentido, o documento de Aparecida<sup>6</sup>, afirma: “os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas. Como discípulos de Jesus Cristo somos provocados a discernir os “sinais dos tempos”, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e “para que a tenham em abundância’ (Jo 10,10)”.

Para levar a cabo a missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático. Algumas das principais características do mundo actual podem delinear-se do seguinte modo. A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra<sup>7</sup>.

O texto da *Gaudium et Spes*<sup>8</sup> convida para decifrar os sinais dos tempos, desta maneira poder responder as mudanças de paradigmas do mundo que vivemos, com suas mutações e implicações em todos os campos, especialmente no mundo juvenil. É bom enfatizar que, o agente de pastoral é convidado a entender as variações da realidade que vivemos como sinais de Deus, onde convergem a oferta da graça divina e a disponibilidade humana, como um lugar histórico de liberdade, onde se devem acolher os dons divinos. Existe a necessidade

---

<sup>6</sup> DAp 33.

<sup>7</sup> GS, 4.

<sup>8</sup> O *Gaudium Spes* trata sobre as relações da Igreja no mundo contemporâneo, é a única constituição pastoral do Concílio Vaticano II. O concílio tendo pesquisado mais profundamente o mistério da Igreja, não hesita em dirigir a sua palavra, não só apenas aos filhos da Igreja, mas a toda a humanidade. Deseja expor-lhes o seu modo de conceber a presença e atividade da Igreja no mundo de hoje. O Documento é formada por duas partes. A primeira parte é mais doutrinária com vários temas eclesiológicos. A outra parte é pastoral, centrada nos diversos problemas do mundo. O Documento final, após muitas discussões, foi aprovado em 07 de dezembro de 1965.

de procurar entender o momento histórico à luz da sociologia, da antropologia, da psicologia, da teologia, da Palavra de Deus... tendo como ponto de partida e de referência “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angustias dos homens de hoje”<sup>9</sup>.

O convite do Vaticano II para fazer uma leitura dos sinais dos tempos, nos quais Deus se manifesta, implica não só reconhecer e interpretar os movimentos do espírito, mas conhecer e analisar a realidade que vivemos a luz das ciências humanas. Neste sentido, o papa Francisco pede para sabermos ouvir tanto os jovens quanto as pessoas adultas e experientes. Os idosos são a experiência da vida. Os jovens, por sua vez, trazem consigo as novas tendências e abrem-nos ao futuro, de modo que não fiquemos encalhados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida no mundo atual<sup>10</sup>. Isto é, estar atento as constantes transformações que se vivem na sociedade atual. É necessário o discernimento, assim como “investigar a todo momento os sinais dos tempos e interpretá-los a luz do Evangelho”<sup>11</sup>. Ainda que tenham mudado os tempos e os paradigmas, que muitos protótipos tenham virado ambivalentes, é sempre possível ser testemunho do Reino. Inclusive, as mudanças devem ser uma ocasião favorável para o crescimento e a expectativa de um novo tempo de esperança na dimensão profética missionária.

O próprio Jesus também faz uma leitura dos “sinais do tempo” (Mt 16,3). Ele caminha junto com os discípulos de Emaús, explica a realidade complexa, comenta as escrituras, partilha o pão e finalmente faz renascer os sonhos, as esperanças e as utopias reanimando a caminhada, a partir da interpretação dos “sinais dos tempos” como “sinais de Deus” (cf Lc 24, 15-24). Enfim, interpretar os sinais dos tempos significa saber discernir as transformações constantes da modernidade atual no contexto social, eclesial e teológico sobre os novos protótipos.

---

<sup>9</sup> GS, 1.

<sup>10</sup> cf. EG, 108.

<sup>11</sup> GS, 4.

## Rápidas transformações criam novos paradigmas

A sociedade em que vivemos está marcada por intensas, velozes e profundas mudanças, que enfraquecem e alteram os paradigmas tradicionais, as relações, os hábitos e as formas de proceder transformam-se rapidamente as quais as comparamos com a “liquidez”. As certezas da modernidade sólida acabaram, muitas utopias desmoronaram. A sociedade sólida impregnada de um certo totalitarismo na medida da rigidez, não se adaptou as novas formas de vida. Por sua vez, a modernidade líquida se caracteriza fortemente pela individualidade, o consumismo, a liberdade e abertura para questionamentos, reivindicações, direitos, mas pela responsabilidade pelas ações e reações decorrentes dos atos.

Bauman analisando as transformações e os novos paradigmas da sociedade atual na obra *Modernidade Líquida* faz a distinção dos conceitos entre a modernidade sólida e líquida. Para o autor, diferentemente da sociedade moderna anterior, chamada de “modernidade sólida”, que também tratava sempre de desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sendo permanentemente desmontado mas sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. As instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades auto-evidentes. Sem dúvida, a vida moderna foi desde o início desenraizadora, “derretia os sólidos e profanava os sagrados”. Mas enquanto no passado isso era feito para ser novamente re-enraizado, agora todas as coisas, empregos, relacionamentos, amizades... tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições.

Ainda de acordo com o autor, vivemos em um mundo consumista, no mesmo momento que algo é comprado, logo em seguida é

descartado. Assim por exemplo, automóveis, computadores ou telefones celulares em bom estado e em bom funcionamento são trocados como um monte de lixo no momento em que aparecem versões mais atualizadas. A rapidez com que os produtos são enviados aos depósitos de lixo é realmente assustador. Neste contexto encontramos o desafio de acompanhar e de entender a velocidade dessas transformações. A dificuldade é saber distinguir entre o que é “sólido” e o que é “líquido”, entre o que é central e o que é periférico na realidade humana.

As rápidas transformações, em parte, são fruto das novas tecnologias. A chegada da internet, dos celulares, das redes sociais... influenciam a sociedade e mais diretamente os jovens, facilitando as informações, anulando as barreiras geográficas e culturais; trazendo mudanças de paradigmas, de acordo com o modelo do ciberespaço. Os jovens vivem mais claramente as influências das novas tecnologias. A maioria deles estão envolvidos com a internet, seja por meio das redes sociais, seja por meio de jogos online. São instigados pela cultura da modernidade líquida do momento e do imediato, através das sensações narcisistas e hedonistas, que podem provocar a instabilidade, a falta de compromisso, inclusive, levar para o individualismo e para o consumismo, sob valores inconstantes, sem se preocupar com o futuro, estando sempre a favor da desorientação, consentido com a falta de itinerário e direção. Parece que é difícil prever possíveis tendências e comportamentos.

A Internet provoca continuamente novos paradigmas, novas práticas, modifica o comportamento e a ética, no qual é elaborado o mundo social. Se antes as pessoas estavam limitadas a imprensa local, agora elas podem se tornar parte da imprensa e observar as tendências do mundo inteiro, tendo apenas como fator de limitação a barreira linguística. Sem falar dos chamados nativos digitais<sup>12</sup>, que sabem tudo sobre tecnologia, videogames, dominam a linguagem da Internet, são capazes de realizar várias tarefas em simultâneo. Eles falam com naturalidade o idioma digital dos recursos eletrônicos,

---

<sup>12</sup> Um nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes na sua vivência como videogames, Internet, celular... O conceito foi desenvolvido pelo educador e pesquisador Marc Prensky para descrever a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores.

como se fosse a sua própria língua materna. Adaptam-se à realidade inconstante das novas tecnologias, isso os distingue dos imigrantes digitais, isto é, todos os que não tendo nascido na era digital ainda precisam de ler manuais de instruções para poder usar as novas tecnologias. Dessa maneira o ciberespaço é uma extensão do cotidiano, não sendo possível conceber as atividades separadas do auxílio dos instrumentos interativos, utilizado para a socialização, fazer pesquisas, baixar músicas, jogar, enfim a Internet é o meio mais prático e rápido de acesso.

As novas tecnologias abrem novas possibilidades, igualmente o bom uso destes instrumentos podem e devem ser ótimos aliados para a Igreja e para a missão pastoral, com suas ambivalências, maneiras de relacionamento, de atuação, de educação e de evangelização. As barreiras geográficas e temporais são praticamente eliminadas, tudo flui muito rápido. As pessoas recebem continuamente influências da cultura tecnológica, especialmente da Internet, assim de maneira especial os jovens para se sentirem famosos é preciso aparecer online. A final, a maior necessidade da modernidade líquida é aparecer e ser visto, o que alimenta uma tendência à autopromoção. Enfim, estar na rede significa aparecer, “existir” e ser “reconhecido”, é o que explica o sucesso das fotos dos “Selfies<sup>13</sup>” publicados nas redes sociais, buscando o exibicionismo, a aprovação e a autopromoção digital,<sup>14</sup> como uma nova maneira de expressão narcisista, criando a “sociedade do espetáculo<sup>15</sup>” entendida, não como um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas medida por imagens, tornando públicas as vidas privadas num “reality show” ou num “big brother”. Enfim, a tecnologia deixa de ser meio para ser ambiente de vida.

As mudanças que, de maneira mais intensa, a juventude está experimentando, parecem serem fortes e intensas. A pesar de tudo,

---

<sup>13</sup> O Dicionário Oxford da língua inglesa, no ano de 2013, anunciou que um novo verbete passaria a figurar em suas páginas: **selfie**, que reúne o substantivo **self** e o sufixo **ie**. Eis sua definição: Fotografia que alguém tira de si mesmo, em geral com smartphone ou webcam, e carrega em uma rede social.

<sup>14</sup> O Facebook encabeça o movimento. A cada dia, em média, usuários confiam 250 milhões de fotos ao serviço. Esta rede social criou mecanismos para que seus afiliados não apenas armazenem, mas também compartilhem suas criações.

<sup>15</sup> Cf. DEBORD. *A Sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 p.14.

os jovens continuam com seus valores positivos, sendo grande riqueza para a sociedade, ao mesmo tempo que são vítimas vulneráveis do sistema, manipulados para servirem e sustentarem o consumismo, muitas vezes, comprando não por necessidade, mas por impulso. Por exemplo, parece que os jovens consideram o e-mail como uma velha tecnologia, não o usam, não o leem. Eles usam mensagens de texto por torpedos ou no WhatsApp. Por isso, os celulares último modelo e os dispositivos manuais estão se tornando mais importantes e acessíveis para eles do que os computadores ou laptops.

A velocidade das transformações atuais criaram o paradigma do efêmero, tudo se apresenta como transitório, as relações humanas são provisórias, os casamentos são provisórios, o trabalho é provisório, as alianças e pactos são também provisórios e oportunistas. Vive-se clima cheio de incerteza, quanto ao futuro, se não temos certezas enquanto ao amanhã, não sabemos como preparamos para vivê-lo. “Em nossa época líquida moderna, o mundo a nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragmentados conectados<sup>16</sup>”.

Diante das intensas e das velozes transformações, muitos valores tradicionais apresenta-se em crise; isto é, “se a dedicação aos valores douradores está em crise é por que a própria ideia de duração, também está em crise<sup>17</sup>”, em outras palavras, os valores estáveis e duráveis tem pouca chance de ocorrer em uma vida fragmentada vivida em episódios e eventos desconectados. Realidade que aparece em grande parte na juventude, que não respirarem o clima cultural religioso católico herdado da família. Muitos jovens vivem diversas experiências transitórias e líquidas.

A cultura das sensações pode provocar também a instabilidade, a desestruturação interna, a falta de sentido, a demora em assumir responsabilidades, a incapacidade para conviver e doar-se de maneira estável, tanto para com Deus como para a próximo. Porém, existem muitos grupos de jovens que promovem a oração, os encontros,

<sup>16</sup> BAUMAN. *Modernidade Líquida...* p 18-19.

<sup>17</sup> BAUMAN. *A sociedade individualizada, vidas contadas e histórias vividas.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2008. p 202.

os serviços à comunidade e a Deus, sendo testemunhas e profetas do Reino, mostrando que é possível viver na contra mão do sistema<sup>18</sup>.

As grandes transformações convidam para encontrar formas de inclusão de aspectos evangélicos, cristológicos, eclesiais e do Reino de Deus. As realidades espirituais não são necessariamente estranhas à realidade da sociedade líquida. Para além desta fenomenologia permanece a motivação e o desejo de realização do mais profundo de cada ser humano através de uma mística subjetivista, integrista e pentecostal. Na “sociedade líquida”, o avanço da tecnologia não pode impedir que a juventude se envolva e se relacione com a Igreja. O ciberespaço para os jovens passa a ser também um lugar de evangelização e de diálogo com a cultura midiática, de intercâmbio de experiências da fé e da religião através das redes sociais.

## **Velozes transformações geram novos vínculos**

A sociedade líquida criou também, a fragilidade dos vínculos humanos, que se apresentam como conflitantes e inseguros na medida em que ao mesmo tempo em que busca uma relação, e desta maneira repudia a solidão, não abre mão de sua liberdade, e para manter a liberdade mantêm a relação, entretanto com uma outra configuração, é a relação líquida, flexível, gerando insegurança<sup>19</sup>.

Tudo indica que, se dá mais importância a relacionamentos em rede, por exemplo as amizades podem ser criadas virtualmente, através do WhatsApp, do Facebook, de mensagens de texto e de bate-papo, mas estas, também podem ser desmanchados a qualquer momento. As pessoas não sabem mais como manter um relacionamento a longo prazo. E isso não acontece apenas nas relações amorosas e vínculos familiares, mas também entre os seres humanos de uma maneira geral. As pessoas, muitas vezes, preferem se “encontrar” pela Internet

---

<sup>18</sup> O censo do Brasil de 2010, mostra que 54,9 % dos jovens são católicos, 21,4 % são evangélicos, 14,3% se declaram sem religião e 2% se dizem ateus. O temor de Deus está presente em 44% deles. Inclusive, 28.1% dos jovens afirmam participarem de grupos.

<sup>19</sup> Cf. BAUMAN. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Ed Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2004.

do que pessoalmente, assim, quando quiserem, podem apagar o que haviam escrito, ou simplesmente “deletar” um contato e facilmente dizer “adeus”.

Os encontros acontecem cada vez mais pelos novos contornos das redes sociais, possibilitando a comunicação e a exposição instantânea do ser, num jogo social de interação que acontece por perfis virtuais, contendo todo o tipo de informação e ambivalência<sup>20</sup>, criando uma nova ética do relacionamento cada vez mais fragilizada e desumana. As redes sociais são uma das muitas maneiras encontradas na modernidade para “não estar só”, para “criar novos laços” de forma rápida, líquida e ambivalente, como espaço de troca de ideias e encontros entre pessoas de maneira online. A relação pela Internet trouxe um novo momento para as relações interpessoais, modificando a maneira de ver, consumir, fazer comunicação e se relacionar, também, com o transcendente por meio de novos aplicativos que constituem as “novas redes sociais”, ou digitais.

Na modernidade líquida, o tamanho, a densidade e diversidade da cultura urbana alimentam os laços superficiais, transitórios, especializados e desconectados nas vizinhanças e nas ruas. Com isso, os laços extensos da família e da juventude têm se esvaziado, deixando os indivíduos sozinhos com seus próprios recursos, além de poucos amigos transitórios e incertos, criando mudanças de paradigmas. Como consequência, os internautas solitários sofrem mais seriamente de doenças devido à ausência de suporte social de amigos e parentes.

O sociólogo S. Bauman, no livro *Amor líquido*, analisa a fragilidade dos relacionamentos e conclui que, estão sendo tratados como mercadorias. Se existe algum defeito, podem ser trocadas por outras, mas não há garantia de que gostem do novo produto ou que possam receber seu dinheiro de volta. Para o autor, a sociedade atual está criando uma ética do relacionamento, que estão cada vez mais fragilizados e desumanos, isto é, os seres humanos estão sendo usados por eles mesmos. O amor líquido representa justamente esta fragilidade

---

<sup>20</sup> Ambivalência é a “possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria. É uma desordem específica da linguagem, uma falha da função moderna que a linguagem deve desempenhar”. BAUMAN, *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p 9.

dos laços humanos, a flexibilidade com que são substituídos. É um amor criado pela sociedade líquida para tirar-lhes a responsabilidade de relacionamentos sérios e duradouros, já que nada permanece nesta sociedade, o amor não tem mais o mesmo significado, foi alterado como algo flexível, totalmente diferente do seu verdadeiro significado de durabilidade e perenidade.

Portanto, a juventude, filha da “liquidez”, não quer sofrer a solidão. Talvez por isso, pensa-se que ao não manter uma relação estável e duradoura vai-se parar de sofrer ou pelos menos vai-se diminuir a dor, trocando de parceiros (as), amigos (as), namorados (as), noivos (as), amantes... Tudo indica que o individualismo, o sofrimento e a solidão são os principais problemas da sociedade líquida. Os avanços tecnológicos influenciam o ser humano em suas relações de um modo geral e o amor líquido representa a fragilidade dos laços humanos, a flexibilidade com que são substituídos. É um amor criado pela sociedade atual para tirar-lhes a responsabilidade de relacionamentos sérios e duradouros, já que nada permanece nesta sociedade, o amor não tem mais o mesmo significado, foi alterado como algo flexível, totalmente diferente do seu verdadeiro significado de durabilidade e perenidade.

Vivemos a cultura de não nos apegar a nada, para não sentirmos sozinhos, se perdermos uma amizade ou ente querido, quiçá por isso exista um apego maior ao mundo virtual do que ao real. A definição romântica do amor, parece que está fora de moda. O amor verdadeiro em sua definição romântica, muitas vezes, foi rebaixado a diversos conjuntos de experiências vividas pelas pessoas, nas quais referem-se utilizando a palavra amor. Evidentemente, tudo isso têm suas implicações nas nossas vidas e na nossa Congregação. Convém olhar bem a realidade, para perceber o que de fato, podem ser valores fluidos e os que podem ser sólidos. Há mudanças superficiais, mas existem também transformações profundas.

Conseqüentemente, a juventude é afetada mais diretamente pelos novos paradigmas tecnológicos. Por isso a Igreja católica tem a missão de ajudar os jovens a serem protagonistas da própria história, tanto na sociedade, quanto na Igreja, “abrindo caminhos para a civilização

do amor, da vida e da paz<sup>21</sup>“. Eles estão no coração da Igreja na opção preferencial pelos pobres e pelos jovens de maneira afetiva e efetiva num contexto de grandes contraste e mudanças de protótipos da cultura moderna líquida.

O grande desafio é valorizar os vínculos humanos através da capacidade e da facilidade dos jovens de navegar na cultura midiática, de usar eticamente as redes sociais, as novas tecnologias para o bem comum na transformação e na discordância contra as estruturas injustas, estando sempre atentos a uma leitura adequada dos sinais dos tempos. “Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura da utilização de seu potencial para proclamar a mensagem evangélica<sup>22</sup>“. “Como os outros instrumentos de comunicação, ele é um meio e não um fim em si mesmo... pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se usada com competência e uma clara consciência de suas forças e fraquezas<sup>23</sup>“.

A juventude é uma época da vida muito importante em busca de vínculos humanos. É a fase de formação da identidade e da personalidade, que concentra os maiores problemas e desafios. É a idade de maior energia, de criatividade, de generosidade. É época que surgem as dúvidas relacionadas com o futuro da vocação e da profissão. Por isso, é fundamental orientar os jovens nas decisões mais delicadas com a responsabilidade ética para não cair no relativismo. Proporcionar oportunidades de aprofundar os vínculos humanos no diálogo com os pais, professores e consagrados; ajudando-os a compreender essa mudança de época, sendo profetas da esperança.

Para fortalecer a solidariedade e os vínculos humanos precisamos promover o voluntariado da juventude em prol de uma sociedade mais justa e fraterna, utilizando a Internet e as redes sociais em favor do bem comum, assim como valorizando a identidade cultural dos diversos povos. Inclusive, participando e incentivando as diversas manifestações em prol da vida. A revolução tecnológica e os processos de globalização formatam o mundo atual como uma grande cultura midiática.

<sup>21</sup> DAp, 537.

<sup>22</sup> DAp, 487.

<sup>23</sup> DAp, 488.

Isto envolve uma capacidade para reconhecer as novas linguagens, que podem favorecer uma maior humanização global. “Estas novas linguagens configuram um elemento articulador das mudanças na sociedade<sup>24</sup>”.

O papa Francisco mostra a maneira de criar vínculos humanos, através da aproximação alegre, simples, simpática e comunicativa, vivendo a mística do encontro, tendo a capacidade de ouvir atentamente, onde interrompe o institucional para ser pessoa que ouve e fala com as pessoas. Sempre se apresenta com uma linguagem direta, simples e prática, usando o contato direto e aberto. Ele deve ser o modelo de aproximação para com a juventude e com a sociedade.

Transformações líquidas formam religiosidades subjetivas

O campo religioso também é atingido pelas grandes transformações sociais, como parte da modernidade líquida, criando-se uma religiosidade subjetiva, individualista e difusa, muitas vezes, desligada das instituições religiosas. É um fenômeno próprio da nossa época, aonde os valores perenes e sólidos são cada vez mais relativizados, transitórios, subjetivos, emotivos... as pessoas escolhem a religião, sem depender da “tradição” ou instituição. O sagrado se apresenta como migratório provocando um nomadismo místico. Isto é, o indivíduo, batizado no catolicismo, muitas vezes pode atravessar por um mundo plural religioso.

Há um tempo, não muito distante, os descrentes, sem amor a Deus e sem religião, eram raros. Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso e a conversa cotidiana confirmava que este é um universo encantado que esconde e revela um poder espiritual. A exigência de um sentido para a vida trazia às religiões certa identidade e lhes dava vida<sup>25</sup>. Durante muitos séculos a religião esteve na vida cotidiana e no centro da existência humana. Os sinais religiosos ditavam o ritmo do tempo. As festas religiosas regulavam os ciclos da vida dos indivíduos e da coletividade. O ano estava determinado pelos tempos litúrgicos, com suas festividades e comemorações sagradas, o dia obedecia ao ritmo marcado pelas sucessivas horas sagradas,

<sup>24</sup> DAp, 484.

<sup>25</sup> Cf. ALVES, Rubens. *O que é religião*. São Paulo, vozes, 2008. p 9.

o toque do “Angelus”, o chamado à missa, ao rosário, ao serviço religioso. O relógio paroquial instalado no alto da torre da Igreja com seus toques era o indicar do tempo sagrado e profano. A religiosidade popular repousava no fundamento da religião cosmológica do Deus transparente no cosmos. Na atualidade, a religião popular parece ser a manifestação de Deus nas emoções, na subjetividade individual. O mundo religioso era um mundo encantado. Apesar de o encanto ter sido quebrado, a religião não desapareceu.

Entretanto, houve um processo de mudança chamado de secularização, na qual as instituições religiosas não foram mais referência religiosa, os indivíduos apresentaram diferentes atitudes e relações com o transcendente, com a ideia de Deus. As crenças passaram há não ser mais herdadas e transmitidas de uma geração para outra. Em muitos casos a religião como instituição deixou de dar aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que deram sentido à vida e a existência. Como consequência, vivemos uma época de subjetivismo, pluralismo e trânsito religioso, acentuado pela modernidade líquida; passou o tempo em que as instituições religiosas, podiam propor à sociedade um conjunto de exigências relativas à fé e aos comportamentos, esperando uma aceitação social imediata. Nas sociedades contemporâneas, os indivíduos decidem livremente a respeito do tipo de religião a se adotar, ou escolhem ficar sem religião; o que as organizações religiosas oferecem tem que ser atrativo para os potenciais consumidores. Assim a religião sofre o impacto dessa nova mentalidade da sociedade líquida. Ela deixa de ser dominada pela tradição para se tornar objeto de escolhas e gosto do indivíduo.

A sociedade líquida moderna também induz para as transformações religiosas, isto é, fazer a opção por uma igreja ou religião nunca foi tão fácil! Melhor ainda, deixar uma igreja ou religião e adaptar outra, ir e vir ou abandonar tudo, parecem ser movimentos constantes de uma “religiosidade líquida”. Nunca ao longo da história houve tanta mobilidade religiosa, de maneira especial dentro do pentecostalismo! A modernidade líquida produziu um tipo de mentalidade secular que toca na base das identidades e sistemas de sentido individuais. Tanto o movimento de adesão a uma religião quanto o de abandono são acalentados por essa mentalidade na qual

o que prevalece é a relativização do papel soberano da religião na vida de cada indivíduo. A pessoa sente-se à vontade para assistir a um culto evangélico, participar de uma cerimônia budista ou de um ritual afro-brasileiro sem constrangimento e, posteriormente, participar de uma missa.

O sentimento de “bem estar” “tocar o coração”, produzir um apelo de tipo emocional, parecem determinar a escolha do grupo religioso, e ainda a aproximação com Deus, são as principais motivações para mudar de religião. A opção religiosa está relacionada com experiência sentimental, individual e subjetiva, desligada da comunidade e da realidade. O importante é se sentir bem no grupo religioso. Os diferentes dados mostram que há situações em que não existe identificação com a religião que se professava e acaba mudando ou abandonando tudo. Cada vez mais as pessoas procuram a religião para atender a necessidades de consumo pessoal. Muda-se de religião de acordo com o estado de animo. As motivações para a desfiliação e trânsito religioso são de ordem pessoal. A tradição e doutrina perdem o peso na escolha. Sentem-se livres para abraçar a religião com a qual mais se identificam sem o temor de romper com a tradição herdada. A religião passou a ser um bem privado! Mudar de religião ou igreja parece que faz bem!

Motivações pragmáticas existenciais estão na base da escolha da religião, como a necessidade de resolver problemas pessoais, tais como desemprego, doença, desavenças familiares entre outros, estão presentes na opção da igreja ou religião. A diversidade e pluralismo religioso permite a pessoa autônoma e moderna ter acesso a uma experiência religiosa individual, privada, subjetiva e líquida, inclusiva à mobilidade religiosa. O que hoje é de um jeito amanhã pode ser diferente. A religião no paradigma da modernidade líquida é uma questão complexa, ambivalente, subjetiva, individualista. Nenhuma certeza pode ser imposta a ninguém. Cada um faz sua crença e sua religião de acordo com suas necessidades imediatas. O valor último ou padrão aferidor é a própria pessoa.

## Considerações finais

Muito se fala da diminuição de vocações, fruto das grandes transformações da modernidade líquida, que passa também, pela diminuição demográfica de filhos por família. Antes os lugares religiosamente resguardados com muitas crianças e jovens permitiam a orientação para a Vida Consagrada, Sacerdotal e Missionária. A sociedade líquida corroe-o essa realidade. Deslocou o aspecto religioso sob a tutela da Religião institucional católica para a experiência religiosa individual, autônoma e livre desvinculadas da igreja.

O papa Francisco reconhece que em muitos lugares, há escassez de vocações ao sacerdócio, à vida consagrada e missionária. Por outro lado, alerta, para que apesar da diminuição vocacional, exista a necessidade de uma boa seleção dos candidatos. Não se podem encher as casas de formação com qualquer tipo de motivações, e “menos ainda se estas estão relacionadas com insegurança afetiva, busca de formas de poder, glória humana ou bem-estar econômico<sup>26</sup>”. Ainda o papa Francisco, na carta por ocasião do Ano da Vida Religiosa, garante que a vida consagrada não cresce, se organizarmos belas campanhas vocacionais, mas se as jovens e os jovens que nos encontram se sentirem atraídos por nós, se nos virem homens e mulheres felizes! De igual forma, a eficácia apostólica da vida consagrada não depende da eficiência e da força dos seus meios. É a vossa vida que deve falar, uma vida da qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo<sup>27</sup>.

A juventude vem sofrendo, de maneira mais acentuada, o impacto das mudanças da sociedade líquida. Eles são os mais influenciados pela cultura líquida, especialmente pelos meios de comunicação social, trazendo consigo a fragmentação da personalidade, a dificuldade de assumir compromisso mais definitivos, a ausência de maturidade humana, o enfraquecimento da identidade espiritual... o que dificulta

<sup>26</sup> EG, 107

<sup>27</sup> FRANCISCO, Carta Apostólica às pessoas consagradas em ocasião do ano da Vida Religiosa. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 17.

o processo de formação de autênticos discípulos e missionários<sup>28</sup>. Não obstante, deve-se reconhecer que são muitos os jovens que se solidarizam contra os males do mundo, aderindo a várias formas de militância e voluntariado. “Alguns participam na vida da Igreja, integram grupos de serviço e diferentes iniciativas missionárias nas suas próprias dioceses ou noutros lugares<sup>29</sup>”.

No podemos deixar de reconhecer que a cultura midiática fez com que os jovens sejam agentes ativos de comunicação. Eles estão sempre conectados, dominando o mundo cibernético e criando novas relações. Tudo isso, induz para uma abertura ao mundo e aos problemas globais, que afetam a vida e o planeta, como as questões ecológicas e planetárias que nascem e florescem nas redes sociais.

## Bibliografia

- ALVES, Rubens. **O que é religião**. São Paulo, vozes, 2008.
- BAUMAN. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Ed Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2004.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada, vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2008.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar 2003.
- CELAM. **Documento de Aparecida**, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.
- CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015**. Brasília: CNBB, 2011.
- DEBORD. **A Sociedade do espetáculo**, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio L & BOMBONATTO, Vera Ivanise (org). **Concílio Vaticano II, análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas 2005.
- FRANCISCO. **Carta Apostólica do Papa Francisco às pessoas Consagradas para proclamar o ano da Via Consagrada**. São Paulo: Paulinas 2014.

<sup>28</sup> cf DAp, 318.

<sup>29</sup> EG, 106.

\_\_\_\_\_. **Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Paulus, 2013.

VATICANO II. Constituição Pastoral “Gaudium et Spes” sobre a Igreja no mundo. In **Documentos do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Vozes, 1997.

Recebido em: 07/02/2015

Aprovado em: 09/05/2015